

A EXPRESSIVIDADE METAFÓRICA NAS CANÇÕES DE BEZERRA DA SILVA: ECOS DO MORRO

Bruno Silva Lopes

Doutorando em Língua Portuguesa (UERJ)

Professor (CEFET-RJ – Campus Valença)

brunolitter@hotmail.com

RESUMO

Bezerra da Silva, sambista e intérprete de alma carioca, é, sem dúvida alguma, um dos mais importantes porta-vozes dos injustiçados e dos esquecidos dos morros cariocas. Em suas canções, não raras vezes a temática social e política é abordada com humor e crítica. Neste texto, demonstramos, a partir de um *corpus* de canções interpretadas pelo sambista, como a metáfora (MARTINS, 2000; LAKOFF & JOHNSON, 2002; GARCIA, 1995) atua como poderoso recurso expressivo, servindo como instrumento de crítica social e política e avigorando, ademais, a voz dos cidadãos reprimidos pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Bezerra da Silva, samba, metáfora, humor crítico.

ABSTRACT

Bezerra da Silva, samba singer and interpreter, is undoubtedly one of the most important spokesmen of the wronged of the Rio's slums. In his songs, often social and political issues are approached with humor and criticism. In this paper, we demonstrate, from a corpus of songs interpreted by the singer, how the metaphor (MARTINS, 2000; LAKOFF & JOHNSON, 2002; GARCIA, 1995) acts as a powerful expressive resource, serving as a tool for social and political criticism and strengthening, moreover, the voice of the citizens repressed by society.

KEYWORDS: Bezerra da Silva, samba, metaphor, critical humor.

INTRODUÇÃO

Para alguns, o já-dito é fechamento de mundo. Porque estabelece, delimita, imobiliza. No entanto, também se pode pensar que aquilo que se diz, uma vez dito, vira coisa no mundo: ganha espessura, faz história. E a história traz em si a ambiguidade do que muda e do que permanece. (ORLANDI, 1983, p. 07).

Há quem diga que praticamente tudo nos usos linguísticos é metáfora (BIDERMAN, 1978). Decerto, sua presença é contínua, viva na linguagem humana; ela está por toda parte. Na linguagem cotidiana, usamo-la tão naturalmente que quase não nos damos conta de sua importância na interação linguística. Todavia, conquanto passe quase despercebida, é inegável que muitas de nossas experiências diárias sejam estruturadas e expressas metaforicamente.

Como instrumento do estilo e do discurso, podemos dizer que as metáforas, por meio de uma intersecção sêmica, concretizam e sintetizam ideias, podendo intensificar ou dissimular fatos (MARTINS, 2000). Mas não só isso. Essas funções atuam expressivamente na construção de variados gêneros textuais emprestando a eles uma robustez expressiva que a linguagem denotativa por si só não seria capaz de exprimir.

Nas letras de música, gênero marcado pela função poética da linguagem (JAKOBSON, 2008), a metáfora, com efeito, é ricamente explorada com vistas à obtenção dos mais variados efeitos de sentido. É de notar que, no samba, gênero musical de pendor popular, muita vez, a transposição de sentidos assume uma função engajada, atuando como arma de denúncia social e de crítica política. Destarte, não raras vezes, sambistas assumem a voz do morro com o fito de expor as feridas sociais que o poder insiste em esconder.

Tendo isso em conta, este texto se propõe a evidenciar que a metáfora atua como poderoso instrumento estilístico-discursivo, prestando-se à crítica social e política, servindo,

além disso, como expressão da voz popular materializada nas canções interpretadas ou compostas por Bezerra da Silva, o porta-voz dos injustiçados. Para a consecução desta tarefa, reunimos um *corpus* de canções do sambista, do qual extraímos algumas ocorrências ilustradoras da expressividade metafórica presente nas letras.

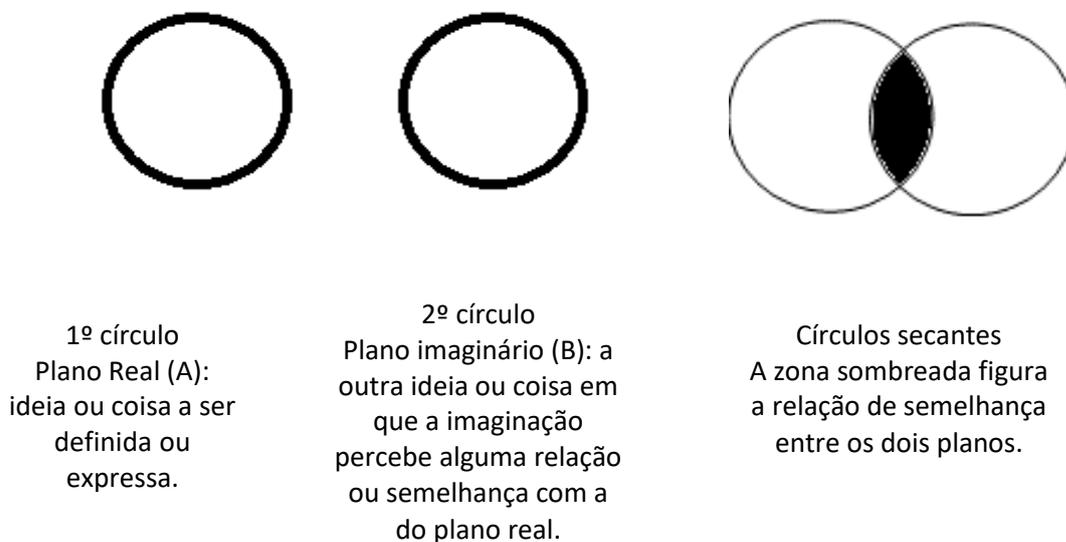
É bom esclarecer que, em nenhum momento, foi nosso propósito fazer descrições pormenorizadas e exaustivas ou discutir a metáfora com profundidade. O mesmo vale para o *corpus* que, pela extensão deste trabalho, pode ser considerado somente ilustrativo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A METÁFORA

No âmbito dos estudos linguísticos, a metáfora despertou, no decurso do tempo, muito interesse dos estudiosos, sendo abordada a partir de múltiplos enfoques. Em sua Poética, Aristóteles a ela já se referia no século IV a. C. como um poderoso recurso figurativo e retórico pautado pela transposição de significados motivada pelo fenômeno analógico. Tal concepção foi agasalhada durante séculos por muitos estudiosos da linguagem e, de certo modo, perdura até hoje nos manuais escolares, nos estilísticos, nos dicionários e nas gramáticas.

O dicionário Aurélio (2010), por exemplo, alude à lição de Aristóteles quando entende por metáfora “um tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado [...]”. Encontra-se como ilustração a palavra “raposa”, que adquire no contexto o significado de “pessoa astuta”. Poder-se-ia citar em complemento a palavra “gato”, designadora de um sujeito “ligeiro”, “esperto”.

Na abordagem de Garcia (1995, p. 86), também próxima da do pensador grego, encontra-se uma didática explicação acerca do funcionamento da metáfora. Para o autor, o processo metafórico se funda na associação entre dois termos em virtude de alguma semelhança existente entre eles. Dessa união, por assim dizer, nasce por similitude a metáfora. Abaixo, reproduzimos o esquema do autor:



Com base nesse esquema, podemos entender o processo de transposição de sentidos sobre o qual se assenta a metáfora. Seja considerada a proposição seguinte: “Joca é um rato!”. Transpondo os elementos para o esquema de Garcia, diremos que o primeiro círculo abrigaria “Joca”, o qual corresponde à ideia ou coisa a ser definida ou expressa. O segundo círculo, o do plano imaginário, indica a outra ideia ou coisa em que a imaginação reconhece alguma relação de semelhança com a do plano real, ou seja, o “rato”. Alicerçados nessa aproximação de sentidos, buscamos explicar a relação de semelhança entre os dois termos: possivelmente, a intersecção dos sentidos sugere que Joca é um “sujeito astuto”, “esperto” ou, ainda, “ladrão”, “tratante”, “canalha”.

Ao seu turno, Nilse Sant'Anna Martins, em *Introdução à Estilística* (2000), põe em relevo o poder expressivo da metáfora. Metáforas são capazes de apresentar ideias de modo concreto e sintético intensificando ou dissimulando os fatos. Muita vez concretiza-se uma ideia que no plano abstrato seria de difícil apreensão. Nas palavras da autora:

[...] ela [a metáfora] está em todos os usos da linguagem, com os mais variados graus de expressividade e impacto. E mesmo as metáforas mais pobres, mais desgastadas, sempre indicam que o falante tenta dar às suas palavras um mínimo de emoção e vivacidade (p. 102).

Numa perspectiva singular e inovadora, Lakoff & Johnson (2002), em importante trabalho, dão novos rumos aos estudos sobre a metáfora. Os autores colocam-na como um fenômeno do pensamento, um relevante instrumento de cognição, que desempenha um papel fundamental nos nossos processos perceptivos e cognitivos. Assim, “nosso sistema conceitual comum, orientador de nosso pensamento e nossas ações é, por natureza, metafórico.” (DELL'ISOLA, 1998, p. 40).

Postula-se, por conseguinte, que o pensamento humano é estruturado metaforicamente e que tal estruturação obedece a fatores culturais, sociais e históricos. Metáforas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de uma comunidade linguística. De acordo com Berber Sardinha (2007, p. 16), elas nos ajudam a “entender melhor como conceitualizamos o mundo, as pessoas, os sentimentos, os conceitos mais profundos e duradouros da humanidade”.

A título de ilustração, em nossa cultura essencialmente capitalista, costuma-se propagar metaforicamente a ideia de que TEMPO É DINHEIRO. Essa expressão metafórica só é possível porquanto nossa sociedade ocidental atribui um papel central ao capital, de modo que estamos subordinados a ele em boa parte de nossas ações no mundo.

Com a importante contribuição de Lakoff & Johnson (2002), a metáfora deixou de ser considerada somente um recurso retórico, um ornamento do estilo presente apenas na imaginação poética, passando a ser um instrumento da linguagem, do pensamento e da ação cotidiana. Pensamos e agimos por metáforas. Conforme os autores:

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão de palavras mais do que de pensamento e de ação. [...] Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (p. 45).

Tendo em conta que a metáfora também é um instrumento de nossas ações cotidianas, cumpre entender seu papel nos variados textos que circulam socialmente, como as letras de samba, cerne deste estudo. Contudo, antes de fazê-lo, abordemos, em linhas gerais, a importância social e política do samba de Bezerra da Silva.

BEZERRA DA SILVA, O PORTA-VOZ DO MORRO

É de notar que o samba carioca, para além de cantar as celebrações habituais, para além de exprimir a alegria tão peculiar da nossa gente, também denuncia as mazelas pelas quais passam os cidadãos comuns, esquecidos nos morros. Dessa maneira, diremos que, em muitos casos, assumem os sambistas um compromisso social e político, na medida em que fazem ecoar o grito reprimido das favelas.

Cantor e compositor de veia ácida, José Bezerra da Silva foi e continua sendo um dos grandes nomes por meio dos quais o morro ganha voz. Em entrevista à Folha de São Paulo (08/10/2000), o “partideiro”, fortemente identificado com a cultura marginal do Rio de Janeiro, declarou algo revelador acerca de sua temática: “Gravo a realidade brasileira do

povo faminto e marginalizado”. As palavras do autor não poderiam ser mais claras. Em suas gravações, ele não se furta, pois, em desnudar a dura realidade das comunidades cariocas. Por via de regra, o povo esquecido ganha espaço nas canções escolhidas pelo cantorⁱ.

É provável que alguns dados biográficos nos digam algo acerca das preferências temáticas de Bezerra da Silva. O cantor nasceu em Recife-PE em 09/03/1937ⁱⁱ. Para fugir da fome e das péssimas condições de vida, migrou para o Rio de Janeiro na busca do pai, que abandonara a família. Nesta cidade, trabalha na construção civil e, depois de um tempo, em decorrência de uma relação amorosa, vai morar no morro do Cantagalo. Passa por momentos difíceis, refém de um mercado de trabalho hostil, sofrendo toda sorte de discriminação social. Sem trabalho e desprezado pela família, vive anos na rua, onde experimenta a ruína física e moral.

Tendo em vista esse contexto desolador, Gil (2007) ressalta que são as dificuldades cotidianas e a precariedade de vida que dão forma às experiências de Bezerra da Silva e formam seu entendimento da realidade. Nesse sentido, com intenção claramente política, o sambista atua como porta-voz dos despossuídos e injustiçados, selecionando para seu o repertório canções que têm como tema a injustiça social, entrando em confronto com a ordem social que o reprimiu durante sua penosa trajetória de vida (GIL, 2007).

Por esse prisma, se entendermos que o samba, como expressão musical urbana, atua também como porta-voz da cultura popular e tenta traduzir os anseios sequiosos do povo, concordaremos com João do Vale, que escreveu a bela canção “A voz do povo”, cantada por Paulinho da Viola. Eis um fragmento:

“Meu samba é a voz do povo
Se alguém gostou
Eu posso cantar de novo”. (João do Vale)

Nesse contexto em que o discurso se materializa no texto para exercer uma de suas funções mais relevantes, qual seja: a de dar voz a quem não a tem, buscaremos demonstrar como a metáfora cantada por Bezerra da Silva torna-se um instrumento de crítica social e política, vertendo o clamor daqueles que anseiam por cidadania e dignidade.

ANÁLISE DO CORPUS

O *corpus* é constituído de fragmentos de músicas interpretadas e/ou compostas por Bezerra da Silva. Delas, extraímos as partes em que as metáforas foram utilizadas como importante recurso de expressão para fazermos as análises. Nesse percurso, optamos por manter somente alguns excertos que concorrem para uma melhor compreensão global dos textos.

Compete reiterar que nosso intuito é demonstrar como a metáfora é um vigoroso recurso de expressão nas canções escolhidas por Bezerra da Silva para compor seu repertório. As letras foram transcritas sem qualquer tipo de correção de linguagem, na medida em que entendemos se tratar de um gênero que adota com frequência a informalidade como recurso de expressão. Desse modo, cremos que, agindo dessa forma, resguardamos a expressividade poética presente nas letras.

As canções na íntegra poderão ser visualizadas no sítio: <<https://www.letras.mus.br/bezerra-da-silva/>>. Dessa página também extraímos o fragmento da canção “A voz do povo”, de João do Vale, presente na seção anterior.

TEXTO 01

Candidato caô caô (Pedro Butina e Walter Meninão)

[...] Ele subiu o morro sem gravata/Dizendo que gostava da raça/ Foi lá na tendinha/Bebeu cachaça/E até bagulho fumou/Jantou no meu barracão/E lá usou/Lata de goiabada como prato/Eu logo percebi/É mais um candidato/Às próximas eleições/Fez questão de beber água da chuva/Foi lá no terreiro pediu ajuda/E bateu cabeça no congá/Mas ele não se deu bem/Porque o guia que estava incorporado/Disse esse político é safado/Cuidado na hora de votar/Também disse:/Meu irmão se liga/No que eu vou lhe dizer/Hoje ele pede seu voto/Amanhã manda a polícia lhe bater/Meu irmão se liga/No que eu vou lhe dizer/Hoje ele pede seu voto/Amanhã manda os homem lhe prender/Esse político é safadão oh ai cumpade! /Ai ai perai cumpade..perai perai perai/Sujôooo../Ae malandragem se liga na missão/Fica atento/Político é cerol fininho/Político engana todo mundo../Menos o caboco..ele deu azar na macumba do malandro..ah lá/ O caboco caguetou ele [...]

Como porta-voz dos silenciados, é previsível que Bezerra da Silva tenha como um dos seus alvos a figura do político brasileiro. Na canção, traz-se à baila o recorrente personagem que usa a política para fins espúrios; aquele que se esconde por trás do terno e da gravata, sobe os morros e, com dissimulação, objetiva a todo custo ganhar a confiança dos eleitores pobres para depois virar-lhes as costas.

Nessa letra de claro protesto, encontramos uma cortante metáfora, a saber: “Político é cerol fininho”. O arranjo obedece aos padrões mais comuns da estruturação metafórica. Em outras palavras, observam-se dois termos de comparação (“político” e “cerol fininho”), que são unidos pelo verbo copulativo “é”, para que se extraia dessa organização frasal uma relação de semelhança entre os dois. Mas qual a aproximação possível entre os termos que se unem para gerar essa metáfora?

Como sabemos, o significado de uma palavra não é monovalente. Em verdade, um signo emana outros valores cultural e socialmente construídos. Nos dizeres de Bakhtin (2009, p. 99), “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, visto que traz consigo uma carga sociocultural que pode ser negativa, positiva, neutra, etc. Logo, quando pensamos no signo “político”, constatamos

que, especialmente no Brasil, o vocábulo possui, não sem razão, uma carga negativa, em função de, historicamente, muitos políticos estarem envolvidos com a corrupção e com a degeneração moral.

O termo usado para a comparação é “cerol fininho”. “Cerol” reporta-se à brincadeira de empinar pipas (ou papagaios), muito comum nos morros cariocas. Numa acepção literal, trata-se de uma mistura de cola com vidro moído que se passa na linha de algodão para cortar as linhas de outrem no passatempo. O ensinamento popular explica que quanto mais fino é o cerol, mais possibilidade de êxito se tem ao tentar cortar a linha do oponente, fazendo com que este perca sua pipa. Tendo em conta essas informações, podemos compreender a metáfora “político é cerol fininho”. Esta nos remete ao universo semântico de “perigo”, “ardileza”, o que nos fornece preciosas informações acerca da práxis de parte de nossa classe política. Dito de outro modo: devemos tomar muito cuidado com determinados políticos, porque, como cerol fininho e poderoso, podemos ser “cortados”, enganados, conforme, aliás, está escrito na canção.

Vê-se que a metáfora ganha contornos de protesto e de crítica social. Mais que isso: parece ter a função de alertar o povo para o fato de que muitos políticos não são confiáveis, mas, sim, interesseiros, pois não estão preocupados com o bem comum.

TEXTO 02

Parabéns Pra Você Meu Brasil (Bezerra da Silva)

Como mora lalau nesse nosso Brasil...(ôôô Brasil)/ Lalau dá trombada no meio da rua/É que meteram o chefe da Roubo e Furtos, limpam o doutor.../que é o terror da "ratatua"!/E tem até ladrão de fraque e cartola roubando ladrão.../essa tal de "falcatrua"!/E o micróbio da fraude e da corrupção continua.../devorando os irmãos e fazendo das suas/Por culpa de alguns delinquentes/Famigerados que estão no poder/Será que este crime não hediondo/O justiça divina onde anda você (você) [...]

Seguindo numa direção crítica similar, essa letra também bate forte na prática de parte de nossa classe política. O texto aborda o tema da corrupção, forte e historicamente arraigada em nossas instituições.

“Corrupção” é um signo fortemente conotado em nossa cultura. O vocábulo está associado, consoante o dicionário Aurélio (2010), a outros como “devassidão”, “depravação” e “perversão”. Também se reporta a termos como “suborno” e “peita”. “Micróbio”, de sua parte, semelhantemente, traz em seu universo de significação uma carga negativa, visto estar relacionado a bactérias, vírus e fungos capazes de causar doenças.

No texto, busca-se estabelecer uma associação entre “corrupção” e “micróbio”. A metáfora se estrutura a partir da aproximação entre esses dois termos. Coloca-se a corrupção como algo capaz de “destruir”, “devorar os irmãos” que por ela são acometidos. Para o letrista, parece haver um elo perverso entre política, corrupção e povo, que implica a penalização deste último. Destarte, enxergamos a corrupção como micróbio, capaz de devorar o povo e enfraquecer as instituições, que têm de ser saudáveis para que haja a correta e plena assistência à população.

A propósito, também cantada por Bezerra da Silva, “Vírus da corrupção” convizinha-se da canção exposta: “De norte a sul,/De leste a oeste meu irmão/Como tem político contaminado/Com o vírus da corrupção!”. Novamente, a corrupção é associada a algo pernicioso, danoso, capaz de contaminar, degenerar e destruir. A força da metáfora intensifica o grito do cidadão comum, contrário às práticas danosas da política brasileira.

Texto 03

A rasteira do presidente (Bicalho e Sílvio Modesto)

[...] E não é mole não,/Vivendo dessa maneira,/Eles inventaram essa tal de inflação,/E o Presidente, deu aquela rasteira,/Não é mole não/O meu salário é o mínimo, porém é o máximo que eu/consigo

vencer,/Desconto pro INPS e o maldito Leão ainda quer me morder,/O ano inteirinho o INPC, eu escuto dizer,/Eu não sei o que é,/Eu só sei que recebi meu pagamento,/Que não deu pra comprar meu alimento,/Remarcaram os preços eu fiquei a pé/ O que não consigo entender, o meu nome é sujo no SPC,/Meu crédito é cortado na praça, não me vendem fiado,/Nem o que comer,/O banco não me empresta dinheiro,/ Porque não tenho bens para me garantir,/Veja bem, não pedi nada emprestado,/Dizem que devo/Dólar adoidado, /Ao famigerado FMI. [...]

O álbum “Alô malandragem, maloca o flagrante!”, no qual figura essa canção, é de 1986. O Brasil vivia o descontrole inflacionário, a alta de preços e a instabilidade da moeda, na época o Cruzado. A canção retrata esse tempo de debilidade econômica que, decerto, afetava inexoravelmente o cidadão comum.

Mais uma vez as metáforas põem força à expressão, concorrendo para a denúncia da situação caótica na qual os brasileiros estavam mergulhados. O título já nos dá uma indicação a esse respeito: “A rasteira do presidente” indica figurativamente que o povo foi enganado por seu comandante maior. Cumpre fazer, aqui, menção à expressão popular “dar rasteira em”, que significa na linguagem cotidiana “enganar”, “lograr”. Por outras palavras, o vocábulo “rasteira” é utilizado metaforicamente para sinalizar que os brasileiros mais uma vez foram iludidos e logrados, caindo ao chão com o golpe do presidente.

Outra estruturação metafórica é encontrada em “O Leão quer me morder”. Observe-se o expressivo jogo de sentidos engendrado a partir do vocábulo “Leão”, que simboliza o Imposto de Renda no Brasil. Atribui-se ao signo em exame um efeito negativo com base na rede de significados existente entre “Leão” e “morder”. Nessa perspectiva, o Leão é malvisto, porque “abocanha” parte do que o contribuinte ganha e não costuma lhe devolver bons serviços públicos. Tal é confirmado por meio de outras associações que denunciam a dificuldade financeira do eu poético: “Meu crédito é cortado na praça” e “meu nome é sujo

no SPC”. Por fim, é de notar que os verbos usados nas duas construções demarcam uma situação permanente, pelo que não se tem perspectiva de mudança do quadro descrito na canção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metáfora, além de engendrar novas possibilidades de associação, proporcionando novas designações, confere força expressiva a diversos itens lexicais. A transposição de significados é, pois, um dos processos mais importantes na significação das línguas naturais, já que aviva, renova a expressão, dando-lhe robustez.

Quando atualizada em canções populares como as de Bezerra da Silva, o porta-voz do morro, a metáfora assume também um papel social e político, na medida em que reforça a expressão por meio da qual se tenta dar voz aos silenciados. Num contexto em que a eles se nega quase tudo, entendemos que a palavra adentra a arena para servir de instrumento de luta. Como bem lembra Borba (1986), a linguagem configura-se num dos mais poderosos instrumentos de persuasão e de sugestão de que o homem dispõe. Desse modo, entendemos que usá-la contra o poder que oprime é exercer a cidadania.

O samba, como expressão popular e patrimônio cultural desta nação, é um importante elo entre o morro e o asfalto. A nosso ver, o gênero se engrandece quando se politiza e se junta ao coro dos que mais precisam de ajuda. Decerto, o grito pela dignidade presente em muitas letras cantadas por Bezerra da Silva é uma grande contribuição do sambista. Cantar o morro, “o povo faminto e marginalizado”, é uma atitude que avigora muitas vozes que anseiam por ter o essencial.

A epígrafe que abre este texto releva a importância da palavra no seio das relações humanas. Se se pensar na linguagem como um instrumento capaz de transformar a

realidade, ver-se-á que o legado de Bezerra da Silva e de seus parceiros compositores representam meritória contribuição ao samba brasileiro e, como corolário, à cultura nacional.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 15ª ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BERBER SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 9ª ed. rev. e atual. São Paulo: Ed. Nacional, 1986.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. "A metáfora e seu contexto cultural". In: OLIVEIRA e PAIVA, Vera Lúcia Menezes de (Org.). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do autor, 1998. P. 39-51.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa – versão 7.0 século XXI*. Curitiba: Ed. Positivo, 2010. CD-ROM.
- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. 16ª ed. Rio de Janeiro Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- GIL, Beatriz Daruj. "Aspectos ideológicos nas escolhas lexicais de Bezerra da Silva". In: *Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não Verbal / Simpósio Internacional de Análise do Discurso*, 8. / 2., 2007, São Paulo. *Anais*. 2007.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.
- LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: EDUC/Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- LETRAS. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/bezerra-da-silva/>>. Acesso em 25/07/2016.
- MARTINS, Nilse Sant'Anna. *Introdução à estilística: expressividade na língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

ORLANDI, Eni. *A Linguagem e seu funcionamento*. Brasiliense, São Paulo, 1983.

ROSCHEL, Renato. *Bezerra da Silva*. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/bezerra.htm>>. Acesso em 29/07/2016.

Recebido em 01 de agosto de 2016

Aceite em 25 de setembro de 2016

Como citar este artigo:

LOPES, Bruno Silva. Expressividade metafórica nas canções de Bezerra da Silva: ecos do morro. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, Ano 15, n. 23, jul-dez 2016. p.490-504. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num23/dossie/palimpsesto23dossie02.pdf>>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507.

ⁱ O repertório de Bezerra da Silva compreende, basicamente, canções de sambistas desconhecidos dos morros cariocas.

ⁱⁱ Não há consenso acerca da data de nascimento de Bezerra da Silva.